



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 1T10.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação. Caso precise de ajuda de um operador durante a conferência, basta teclar \*0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que esta apresentação faz referências a declarações sobre expectativas de sinergias planejadas e estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

O Banco do Brasil informa, ainda, que em 6 de maio de 2010 foi protocolizado perante a Associação Brasileira dos Mercados Financeiros e de Capitais, ANBIMA, pedido de análise prévia de registro de oferta pública de distribuição primária e secundária de ações. Na ocasião da oferta, antes de investirem em ações do Banco do Brasil, leiam cuidadosamente o prospecto, em especial a seção 'Fatores de Risco'.

Conosco hoje estão os senhores Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, o Sr. Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores, o Sr. Eduardo César Pasa, Contador Geral, Sr. José Carlos Vaz, Diretor de Agronegócios, o Sr. Martiniano Moreira, Diretor de Empréstimos e Financiamentos, Renê Sanda, Diretor de Gestão de Risco, Sr. Renato Donatello Ribeiro, Diretor de Controladoria, Walter Malieni Júnior, Diretor de Crédito, Guilherme André Frantz, Gerente Geral de Unidade Aquisição de Bancos, Paulo Sérgio Navarro, Gerente Geral de Unidade de Parcerias Estratégicas, e o Sr. Werner Romera Suffert, Gerente Executivo da Diretoria de Cartões.

Inicialmente, o Sr. Ivan apresentará o resultado do 1T10 em grandes linhas, e em seguida, o Sr. Geovanne apresentará em detalhes esse resultado. Ao final, os executivos responderão as questões formuladas.

Agora passa a palavra ao Sr. Ivan Monteiro. Por favor, Sr. Ivan, pode prosseguir.

**Ivan de Souza Monteiro:**

Bom dia a todos. Sejam bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do Banco do Brasil no 1T10. Antes de passar a palavra ao Geovanne, que irá detalhar aspectos do resultado de R\$2,3 bilhões registrado pelo BB no 1T10, gostaria de discorrer brevemente sobre alguns aspectos que caracterizaram a economia brasileira no início deste ano.



O índice nacional de preço ao consumidor amplo, IPCA, acumulado em 12 meses, que é o parâmetro para mensurar a inflação brasileira, no mês de março de 2010 ficou em 5,2%, fortemente influenciado pelas chuvas que assolaram o Brasil no início do ano e pelo efeito sazonal do grupo educação. O IPCA de março de 2010 ficou em 90 b.p. acima de dezembro de 2009.

Em contrapartida, a massa salarial brasileira continua crescente em março de 2010, apresentando incremento de 25,7% em comparação ao final do ano de 2002, base 100.

A evolução constante desse indicador é uma boa referência de impulso à economia, uma vez que tem relação direta com o consumo das famílias, que, por sua vez, influencia a atividade produtiva do País.

Outro aspecto interessante a ser destacado em nossa economia foi a quebra da taxa de desemprego no Brasil. Saímos de uma taxa de desemprego de 10% ao final de 2006, chegando a 7,8% no mês de março de 2010. O comportamento dos indicadores de crédito brasileiro corrobora as melhores na massa salarial e na taxa de desemprego no Brasil.

A relação crédito-PIB permanece em 45%. Nesse mesmo período, o volume total do crédito do Sistema Financeiro Nacional, SFN, saiu de R\$900 bilhões, atingindo ao final de março de março de 2010 R\$1,4 trilhão, com a participação dos bancos públicos de 42,8% sobre esse total.

Com relação às concessões de crédito, projetando-se de forma linear o volume do 1T10, as expectativas para o ano são boas, chegando-se ao montante de R\$2 trilhões em dezembro, com incremento de 17,7% se comparado ao ano de 2009, dezembro.

Aqui cabe um destaque bastante positivo, que mesmo com o crescimento do volume de crédito do sistema financeiro e das concessões, ao final de março de 2010, onde os indicadores de provisão total versus a carteira de operações vencidas há mais de 90 dias pela carteira, apresentaram queda, encerrando este período em 6,7%, 20 b.p. inferior a dezembro de 2009 e 4%, 40 b.p. inferior a dezembro de 2009, respectivamente.

Sobre o Banco do Brasil, gostaria de relembrar alguns movimentos estratégicos ocorridos em 2010. Em abril, o Banco Central Norte-Americano, o FED, concedeu ao Banco do Brasil o status de *financial holding company*, permitindo ao BB, quando de seu interesse, exercer atividades bancárias em território americano nas mesmas condições inerentes aos bancos locais. Também em abril, assinamos contratos de compra e venda para aquisição do controle acionário do Banco Patagônia.

Como forma de reorganizar nossa área de seguridade, efetuamos os seguintes passos: assinamos memorandos de entendimento com a Icatu Hartford para formação de aliança estratégica para desenvolvimento e comercialização de negócios de capitalização no mercado brasileiro; renovamos nossa parceria com o Principal Financial Group para atuação e desenvolvimento e comercialização de produtos de previdências privada aberto no Brasil.

A BB Seguros Participações S.A. adquiriu a totalidade das ações que a SulAmérica detinha na Brasil Veículos; celebramos um acordo de parceria com o grupo segurador Mapfre para formação de aliança estratégica nos segmentos de pessoas, ramos



elementares e veículos. Nessa parceria, será criada a segunda maior seguradora do Brasil.

Outro movimento do BB foi a assinatura de memorando de entendimento com o Bradesco para elaboração de um modelo de negócios na área de cartões de débito, crédito e pré-pagos. Desta parceria, quando autorizada pelos órgãos reguladores, nascerá uma nova bandeira exclusivamente brasileira de cartões: cartão ELO.

Finalizando, temos que destacar que afirmamos na Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais, ANBIMA, pedido de análise prévia de registros de oferta pública de distribuição primária e secundária de ações, conforme divulgado em Fato Relevante do dia 6 de maio de 2010.

Passo agora a palavra para o Geovanne, e fico à disposição na sessão de perguntas e respostas. Obrigado. Geovanne, por favor, pode prosseguir.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, Ivan. Relembrando mais uma vez que, em função do protocolo do registro de oferta pública, na ocasião da oferta do Banco, antes de investir em ações do Banco do Brasil, deverá ser efetuada a leitura do prospecto, em especial a seção 'Fatores de Risco'.

Iniciando a apresentação, lembro que a partir desse trimestre passando a adotar o reconhecimento dos ganhos e perdas atuariais relativos ao plano de benefícios definido da Previ em bases recorrentes, conforme já anunciado na divulgação do 4T09, e de acordo com o disposto no parágrafo 55 da deliberação CVM 371/00.

Passando imediatamente para o slide número três, onde podemos ver a evolução do lucro e da rentabilidade do Banco, ele apresentou um lucro societário de R\$2,358 bilhões no 1T, correspondendo a um retorno sobre o patrimônio líquido médio de 28%, e desconsiderados os efeitos extraordinários, o resultado recorrente do 1T foi de R\$1,967 bilhão, e o retorno sobre o patrimônio líquido da ordem de 23%; aqui, só para relembrar, já considerados os reconhecimentos atuariais da Previ.

No slide número quatro, relacionamos os efeitos extraordinários que impactaram o resultado no 1T. Esses efeitos adicionaram ao resultado R\$384 milhões, líquidos de efeitos fiscais de participação nos lucros, sendo fortemente aqui impactado pela reversão de passivos trabalhistas, cujo montante alcançou R\$568 milhões positivos.

As informações constantes no slide número cinco demonstram algumas participações de mercado do Banco do Brasil. O destaque neste slide, sem dúvida alguma, é para captação em depósitos à vista, que representam quase 1/3 de todo o Sistema Financeiro Nacional, com 32,8% de participação de mercado.

O Banco do Brasil também apresenta participação de mercado acima de 30% em duas modalidades de comércio exterior: ACC/ACE e câmbio exportação, com 35,9% e 30,9% de market share. Com relação à concessão de crédito, apresentamos uma redução de 30 b.p. em relação ao 4T09, mas ainda estamos com nosso market share próximo aos 20%. E não posso esquecer de destacar a liderança do Banco do Brasil em ativos, que já podemos verificar a sua evolução no slide de número seis, onde percebemos que os ativos do Banco do Brasil cresceram 2,3% e nós triplicamos os



ativos do Banco do Brasil nos últimos anos, atingindo um total de R\$725 bilhões de ativos, líder no mercado.

Lembro aqui também que a Nossa Caixa e participação de 50% do Banco Votorantim já estão consideradas nesses números.

Falando agora sobre a formação do resultado financeiro, no slide sete, podemos ver a evolução da margem financeira bruta do Banco do Brasil, que apresentou uma expansão de 34,3% em relação ao 1T09 e de 1,1% se comparado ao 4T09. E esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo crescimento forte das receitas com operações de crédito, crescimento de quase 39% em um ano.

Mais uma vez, a expansão das receitas com crédito no Banco do Brasil foi assegurada pelo aumento dos volumes médios das operações de crédito compensando o comportamento dos spreads nesse período.

Passando para o slide número oito, podemos ver que a expansão da margem continua tendo suporte do crescimento das nossas captações. Como pode ser observado nesse slide, tanto as captações totais quanto as de depósitos totais, poupança e depósitos a prazo apresentaram crescimento no trimestre, embora tenha havido um aumento do custo de captação em todas as modalidades.

A nossa captação total cresceu 0,4% em comparação com o 4T09, chegando ao patamar de R\$0,5 trilhão, encerrando o trimestre com um custo na ordem de 79,4% da taxa Selic e um crescimento de 140 b.p. no mesmo período.

Os depósitos em poupança apresentaram um crescimento trimestral de 3,9%, os depósitos a prazo, 2,6%, e os depósitos totais aumentaram 1,5% na comparação trimestral, e 12% na comparação anual.

Passando para o slide número nove, podemos ver o comportamento do spread do Banco por carteira e também do spread global, com uma comparação em relação à Selic acumulada no período. Vale a pena destacar, mais uma vez, que o foco no crédito ao consumo tem garantido uma maior resiliência do spread do Banco do Brasil em relação à trajetória da Selic.

No gráfico do lado esquerdo da lâmina verificamos o comportamento do spread por carteira, e este comportamento foi distinto. Enquanto a carteira de agronegócios apresentou leve crescimento do seu spread em relação ao 4T09, as carteiras de pessoas físicas e jurídicas apresentaram tendência declinante, encerrando o trimestre em 18,2% e 6,7% respectivamente.

A contração dos spreads nas carteiras de pessoas físicas e jurídicas ocorrem em razão principalmente da concentração naquelas operações com menor risco associado, e que também trazem menor margem, como crédito consignado, financiamento a veículos no caso das pessoas físicas, e capital de giro e investimentos, no caso das pessoas jurídicas; além, claro da sazonalidade e do aumento da competição.

Do lado direito do slide, podemos ver o comportamento do spread global do Banco calculado pela margem financeira bruta sobre os ativos rentáveis. Esse spread manteve-se relativamente estável no 1T, 6,5%, somente 20 b.p. abaixo do 4T09.



Uma forma interessante de analisarmos o desempenho desse spread é compará-lo à Selic acumulada no período. Por essa métrica, podemos verificar que o Banco tem crescido o retorno da sua intermediação financeira em relação à taxa básica de juros acumulada.

No 1T09, trimestre em que a Selic acumulada anualizada correspondeu a 12,1%, a relação spread global/Selic acumulada ficou em 54,5%; já no 1T10, esta relação ficou em 67,6%, para uma Selic acumulada anualizada de 8,4%. É importante lembrar a vocês que o Banco do Brasil tem obtido êxito na compensação com a queda da Selic em função do crescimento do crédito e mudança de *mix*.

Passando para o slide de número dez, podemos ver a evolução da carteira de crédito do Banco do Brasil. O crédito a pessoas físicas ultrapassou R\$95 bilhões, e o saldo da carteira total de crédito chegou próximo aos R\$306 bilhões, um crescimento de 26,3% em 12 meses e 1,6% no trimestre.

Destacamos novamente, aqui, a evolução do crédito a pessoas físicas, que aumentou sua participação relativa na carteira de crédito total do Banco do Brasil, de 25,3% no 1T09 para 31,1% do crédito total do Banco em março de 2010.

No slide número 11, fazemos uma abertura das operações de crédito ao consumo, operações essas que cresceram 55,6% em 12 meses e 3,6% no trimestre, e que levaram o Banco do Brasil a aumentar seu market share, de 14,8% em março de 2009 para 22,6% em março de 2010.

Esse desempenho continua sendo impulsionado pela expansão das carteiras de crédito consignado e financiamento a veículos, que apresentaram forte crescimento. Em 12 meses, crescemos a carteira de consignado em mais de 55%, e na visão trimestral esse crescimento foi da ordem de 5,5%.

No slide número 12, vemos a evolução do crédito concedido a pessoas jurídicas, que alcançou R\$128 bilhões de saldo. O destaque aqui ficou para as operações com médias e grandes empresas, que cresceram quase 29% em um ano e 3% no trimestre. As operações com micro e pequenas empresas apresentaram crescimento de 20,8% nos últimos 12 meses e de 0,7% no trimestre.

Vale ressaltar que a aplicação de uma visão de longo prazo no relacionamento com os nossos clientes levou a estratégia do Banco do Brasil a suprir as necessidades de financiamento desse segmento no meio da crise, o que garantiu crescimento dos negócios com as pessoas jurídicas, e também uma melhoria da rentabilidade com esses clientes.

Passando agora para o slide número 13, apresentamos a evolução do saldo das operações de financiamento ao comércio exterior. Esse saldo terminou o 1T10 em R\$24,7 bilhões, uma ligeira queda quando comparado a dezembro de 2009, em função principalmente da valorização do Real em relação ao USD. Em relação aos negócios de ACC e ACE, o Banco do Brasil alcançou uma participação de mercado de quase 36%.

No slide 14, podemos ver que o Banco do Brasil permanece como o principal financiador do agronegócio brasileiro, com saldo em carteira de quase R\$65 bilhões, o que representa cerca de 60% de todo o crédito do Sistema Financeiro ao segmento de agronegócio no País.





Se compararmos esta carteira com dezembro de 2009, a carteira de agronegócios apresentou uma queda de 2,6%, explicada principalmente pela liquidação de operações com agroindústrias, e bem como pela concentração muito grande de liberações para operações de custeio que aconteceram no 4T09.

No slide 15, trazemos informações que nos permitem manter maior tranquilidade em relação ao agronegócio. No lado esquerdo da lâmina, apresentamos o percentual de operações de custeio agrícola que são contratadas com seguro na safra 2009/2010. Do total de R\$2,8 bilhões de custeio contratado, 63% foram segurados, contra 62% a safra 2008/2009 e 50% na safra 2007/2008.

E deste total segurado, é importante dizer que 90% estão amparados por resseguros, junto a resseguradoras que estão indicadas no gráfico de pizza abaixo do slide, no lado esquerdo.

Do lado direito, trazemos a distribuição geográfica do seguro agrícola sobre a carteira de custeio por região. Centro-Oeste, Sul e Nordeste apresentam os maiores percentuais de concentração desses seguros.

Passando agora para o slide número 16, vemos no gráfico acima que as despesas de provisão registraram incremento de 2,6% no trimestre. Em contrapartida, a relação entre despesas e a carteira média no período de 12 meses, na média móvel, alcançou 4,5%, uma ligeira queda comparada ao trimestre anterior, de 10 b.p. Ou seja, estamos retornando paulatinamente ao patamar de volume de despesas de provisão sobre carteira pré-crise.

As operações vencidas há mais de 90 dias que estão aí mostradas na linha amarela do gráfico abaixo passaram de 3,3% para 3,1%, demonstrando a melhoria da inadimplência no 1T10. A tendência da curva desse gráfico também demonstra que, de fato, a crise já passou.

E na linha azul escura do gráfico, inferior, verificamos ainda que a relação provisão adicional mais a referida sobre a carteira total do Banco apresentou, pelo terceiro trimestre consecutivo, um volume expressivo, representando cerca de 6%.

Agora, no slide de número 17, podemos analisar a inadimplência do Banco do Brasil em comparação com a média do Sistema Financeiro Nacional. Nas operações de pessoas físicas, no gráfico do alto à esquerda, o atraso acima de 90 dias nessa carteira do Sistema apresentou um decréscimo de 80 b.p., passando de 7,8% em dezembro de 2009 para 7% em 2010. Todavia, no Banco do Brasil esse nível é bem menor: o Banco do Brasil reduziu essa inadimplência de 4,8% para 4,4% no mesmo período, bastante inferior à média do mercado.

Na visão da pessoa jurídica, na parte do gráfico acima à direita, verificamos uma redução trimestral de 20 b.p. no índice de atraso acima de 90 dias das operações do Sistema Financeiro Nacional, enquanto no Banco do Brasil essa queda, que foi de 30 b.p., também é bastante abaixo do nível do mercado.

O importante a ser destacado neste slide é que os índices de inadimplência de pessoa física e jurídica do Banco do Brasil, sem dúvida alguma, anteciparam sua melhoria antes mesmo da média do mercado, permanecendo consideravelmente abaixo dessa média.



E mostramos também os índices de atraso do Banco Votorantim, que continuam melhores que os do Sistema Financeiro Nacional, confirmando a qualidade da carteira daquele banco.

No slide número 18, apresentamos a análise de safras para a carteira de pessoas físicas, excluindo o cheque especial, financiamento via cartões e também o financiamento a veículos. Podemos observar que o aprimoramento das metodologias da concessão de crédito no Banco do Brasil, bem como a mudança no *mix* dessas operações com foco mais no crédito consignado, tem permitido a redução do índice de atraso da carteira de pessoas físicas ao longo das safras.

Destacamos que a safra 2009, que também foi concedida durante o período de crise, hoje é a que apresenta, de acordo com esse gráfico, o menor nível de inadimplência, abaixo de 2%.

No slide número 19 podemos observar que as despesas administrativas estão em linha com o crescimento dos negócios, e também das aquisições que nós fizemos. Mas cabe aqui destacar uma queda de 3% na comparação trimestral dessas despesas, que totalizaram R\$5,3 bilhões no 1T10, contra R\$5,465 bilhões no 4T09.

Passando para o slide de número 20, podemos ver a contribuição dos negócios não bancários para o resultado do Banco especialmente as receitas de prestação de serviços, que totalizaram R\$3,6 bilhões no 1T10, um incremento de 24% em 12 meses.

Outro destaque que estão evidenciados no gráfico abaixo à direita é o valor agregado dos nossos negócios com seguridade, que apresentou uma expansão de 24,2% no trimestre, incrementando a sua participação no lucro do Banco do Brasil para 15,2%.

Passando para o próximo slide, vale a pena comentar aqui que no dia 5 de maio passado nós divulgamos dois Fatos Relevantes ao mercado, comunicando a aquisição da participação da SulAmérica na Brasil Veículos pela BB Seguros, e a formação de parceria estratégica com o Grupo Segurador Mapfre.

Esses dois movimentos são aderentes à estratégica que já vínhamos divulgando para a reorganização da nossa área de seguridade, e criamos as holdings BB Mapfre e Mapfre BB, que englobarão os seguros vida exceto VGBL, ramos elementares e veículos da BB Seguros e do Grupo Mapfre, criando a segunda maior seguradora do Brasil, cujo objetivo sem dúvida alguma é ampliar ainda mais a participação do resultado dos itens de seguridade no lucro do Banco do Brasil.

O Banco também realizou outro movimento interessante que nós podemos ver no slide de número 18. Nós assinamos o memorando de entendimentos com o Bradesco para a elaboração de um novo modelo de negócios na área de cartões débito, crédito e pré-pago. Essa parceria, quando autorizada pelos órgãos reguladores, criará a bandeira ELO, conforme o Ivan mencionou no início da nossa conferência, e dando sustentação à nova bandeira ELO será criada uma holding, que ficará responsável pela gestão de todos os negócios em comum que o Banco do Brasil e o Bradesco detêm nessa área.

No slide número 23, podemos ver que o índice de capital do Banco do Brasil manteve-se estável, em linha com o crescimento dos negócios e também com a geração de resultados; o índice de *payout* de 40% e o restante é incorporado à nossa base de capital. Essa Basileia indica um excesso de patrimônio de referencia da ordem de



R\$12,6 bilhões em março, o que permite a expansão dos ativos que são ponderados a 100%, como o crédito, por exemplo, de até R\$111 bilhões.

Trazemos agora, no slide número 24, a comparação entre os múltiplos do Banco do Brasil e a média dos nossos pares que são negociados no mercado. Podemos verificar que a valorização dos papéis do Banco do Brasil em 12 meses ultrapassou a casa dos 76%, uma rentabilidade acima do Ibovespa e dos principais concorrentes, e essa valorização se ajustada aos proventos chega perto da casa dos 88%. Além disso, podemos destacar o fato de estarmos próximos de atingir 5 milhões de ADRs ativas e emitidas em mercado de balcão nos Estados Unidos.

No slide número 25, traçamos aqui um comparativo entre o desempenho do Banco do Brasil no 1T com as estimativas que divulgamos ao mercado para o ano. Se analisarmos o desempenho do trimestre, podemos verificar que praticamente todas as estimativas que nós divulgamos quando do anúncio do resultado do 4T09 foram atingidas.

O desempenho da carteira de agronegócios ficou abaixo do mínimo das estimativas, em função da liquidação das operações de crédito agroindustrial, conforme mencionei, e porque também estamos praticamente no período de entressafra.

Já a carteira de crédito de pessoa jurídica não alcançou o ponto mínimo da *range*, mas está bastante próxima, devido principalmente à queda de 23% na cotação do USD, que impacta diretamente o saldo das operações de ACC e ACE. Se não fosse isso, teríamos mantido o crescimento da carteira de pessoa jurídica em linha com o *guidance* estipulado para o ano.

A carteira de crédito no País, em função então do desempenho da carteira de agronegócios principalmente e da carteira de pessoa jurídica, acabou apresentado um crescimento ligeiramente abaixo do piso da estimativa de crescimento para o ano como um todo. Se não fosse esse evento, a carteira País teria crescido em torno de 18,2%, em linha com a estimativa que temos traçado para este ano.

Por fim, os depósitos totais ficaram abaixo das expectativas em relação ao 1T09 porque houve um forte crescimento desse depósito naquele trimestre em função da migração de depósito de instituições financeiras de pequeno e médio porte para aquela de reconhecida liquidez no fenômeno conhecido como voo para qualidade, ou *flight to quality*.

Adicionalmente, cabe destacar aqui que eventuais diferenças são explicadas em grande medida porque as estimativas foram elaboradas com base no orçamento nas expectativas que a Empresa tem para todo o ano de 2010, e os trimestres sofrem sazonalidade.

Nos próximos dois slides, antes de encerrarmos a apresentação da teleconferência e abrir para debate, eu gostaria de lembrar que ali estão indicadas as premissas que a Administração levou em consideração para apresentar essas estimativas para o mercado e, por favor, leiam atentamente os slides 26 e 27.

Essas eram praticamente as informações que nós gostaríamos de compartilhar com vocês. Podemos agora abrir para a sessão de perguntas e respostas. Muito obrigada.





**Marcelo Telles, Credit Suisse:**

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho algumas perguntas, a primeira delas em relação ao crescimento do crédito. Nós vimos que o crescimento, mesmo se excluirmos a performance do agronegócio, ainda ficou um pouco abaixo do crescimento em relação aos outros bancos privados, e olhando a performance do segmento de pessoa jurídica, uma grande diferença de vocês para os bancos privados foi a performance do lado de pequenas e médias empresas. Então, nessa linha, eu queria saber o que vocês estão fazendo para tentar aumentar ou acelerar esse crescimento no lado de pequena e média empresa, se isso será parte do foco do Banco para este ano.

E a segunda pergunta que eu tenho é em relação ao ganho da Previ. Nós vimos que no trimestre teve um aumento importante do ganho em relação à Previ, de cerca de R\$300 milhões para mais de R\$700 milhões, e eu queria entender o nível de recorrência desses R\$700 milhões para frente.

Minha última pergunta é em relação às despesas de provisão. Nós vimos as despesas de provisão mais ou menos em 4,5% no trimestre, como vocês colocaram no slide 25, e por outro lado você tem um *guidance* de provisão que vai de 4,4% a 4,8% para 2010. Eu queria saber se vocês realmente acham que há uma chance maior de estar mais para parte baixa desse *range*, ou acham que talvez pela fusão de *mix* vocês elevariam um pouco mais em direção à parte alta do *guidance*. Eu queria saber um pouco de vocês essa questão. Muito obrigado.

**Ivan de Souza Monteiro:**

A parte relativa a crédito, eu mesmo respondo. E Geovanne, você poderia colocar o Eduardo para falar sobre a questão da Previ, e no final nós falamos um pouco de provisão.

O ambiente de crédito para este ano está relativamente bem mais saudável que o ambiente do ano passado. Saudável no seguinte sentido: se não havia consenso ao final de 2008 com relação ao crescimento do PIB para 2009, isso não acontece no ano de 2010.

Então, você tem dois movimentos muito interessantes no Banco do Brasil. O primeiro deles é que nós vimos de uma base muito forte, de um crescimento da base muito forte. Então, era natural que em comparação aos demais concorrentes houvesse uma dificuldade em manter o mesmo ritmo, dado que a nossa base é muito maior do que a deles. Porém, adiciona-se a informação favorável desse consenso em relação ao crescimento do PIB.

Outro dado muito interessante é que se no final do ano de 2008 você tinha investimentos, e você só manteve aqueles investimentos inadiáveis para 2009, aqueles investimentos que pudessem ser postergados não foram, e eles estão sendo adicionados agora ao CAPEX normal das empresas para 2010. Então, nós temos visto uma consulta de investimentos muito positiva.

Com relação à atuação no segmento de *mix* de pequena empresa, um dos slides mostra que o Banco utilizou um instrumento bastante interessante, que foi o FGO, com larga utilização e bastante disseminação.



Então, nós estamos positivamente otimistas em relação a tudo isso, e acho que o efeito sazonal, e nós explicamos com detalhes na reunião com jornalistas que você tem dois efeitos importantes, e são ambos positivos. Primeiro, a redução do custo de produção na agricultura, que acho que depois o José Carlos vai poder falar um pouco mais, o nosso Diretor de Agronegócios; e segundo você tem efetivamente um aumento da renda do produtor. Então, apesar da expansão, e há uma previsão de expansão da área plantada, você tem uma menor necessidade de capital de giro.

Geovanne, não sei se o José Carlos gostaria de acrescentar alguma coisa em relação à carteira de crédito agro, ou se já partimos direto para a questão da Previ.

**José Carlos Vaz:**

Bom dia a todos. Eu vou aproveitar e tratar do assunto agro de uma vez, e depois, se sobrar alguma coisa, respondemos as perguntas. Na realidade, o comportamento da carteira de agronegócio segue todas as sinalizações que temos passado nas últimas apresentações de resultado.

O Banco continua trabalhando forte na redução do risco da carteira contratada, da carteira nova, agregando mitigadores. Isso resulta em um risco médio da carteira contratada muito bom, com crescimento dos mitigadores e a qualidade dos mitigadores tendendo a crescer cada vez mais nas próximas safras, à medida que nós vamos agregando também mitigadores de preço e mitigadores e variação cambial, convênios de integração, outros mecanismos que vão aumentar abrangência dessa proteção da carteira, embora também estejamos investindo cada vez mais nos próprios mecanismos de afeição de risco na contratação.

Nós temos uma parte da carteira em que não há necessidade de agregação de mitigadores, porque os clientes têm uma qualidade, uma eficiência produtiva muito satisfatória. Temos que administrar a carteira prorrogada, ela teve um *clearing* das renegociações não finalizadas até abril do ano passado; esse *clearing* ocorreu no 3T09, 4T09 e no 1T10, conforme nós vínhamos sinalizando.

Tivemos um movimento nos sistemas de saldo na carteira de crédito agroindustrial; como já dissemos outras vezes, a carteira de crédito rural do Banco do Brasil se diferencia dos demais bancos porque ela não tem só uma carteira de crédito constituído em cima de *[inaudível]* depósitos à vista, mas ela tem uma carteira de crédito industrial usando recursos da poupança, que é um colchão de recursos.

Na medida em que há disponibilidade de recursos da safra não direcionados para crédito rural, nós podemos usá-los em condições bastante satisfatórias de competitividade em crédito agroindustrial, e usamos; e na medida em que nós não temos essa disponibilidade, esses clientes são assistidos com recursos de outras linhas de crédito da área comercial.

Então, temos a carteira de crédito agroindustrial e temos o crédito rural, a carteira de agricultura familiar e a de médios e grandes produtores. Na de médios e grandes produtores, é onde estão as operações prorrogadas em 2006 e 2007, que nós estamos administrando seu recebimento, e acreditamos que após o *clearing* ocorrido principalmente no 2S09, essa carteira vá apresentar um comportamento de recebimento melhor do que vem acontecendo nos últimos períodos, contribuindo assim para que a qualidade da carteira como um todo continue incrementando. As perspectivas são boas.



No que se refere à safra que nós estamos olhando, dificuldades de comercialização de milho, há um excesso de oferta de milho; o Governo anunciou esta semana que vai começar a partir da semana que vem a fazer um aporte forte de instrumentos de suporte à comercialização.

A soja sinaliza também um ano um pouco mais difícil em termos de renda, mas há sinalizações de que as safras brasileira, argentina e americana não estariam tendo o volume que se esperava e que o consumo pela China seria maior do que se espera. Isso conjugado eventualmente com o câmbio pode levar a um quadro igual ou melhor do que neste momento se coloca.

Lembrando sempre que a diversidade de eficiência dos produtores é muito grande. Então, nem sempre a sinalização de preços ou problemas climáticos tem um impacto muito grande em toda a carteira; nós temos uma carteira posta por todos com a melhor eficiência; acreditamos que neste ano não teremos sobressaltos no que se refere à inadimplência, tanto na carteira prorrogada como na carteira não prorrogada.

Talvez tenhamos que fazer algumas renegociações pontuais, *[inaudível]* caso a caso, principalmente nas operações prorrogadas que vencem nos próximos meses no Centro-Oeste para agricultura de milho, estão mais impactados no milho; mas isso não vai ter impactos substanciais de provisão ou na qualidade da carteira.

A próxima safra se mostra com uma redução de custos de produção por volta de 10%, a safra que será plantada a partir de setembro deste ano. Há uma sinalização de uma evolução do El Niño para La Niña, o que indica a possibilidade de uma seca moderada em dezembro e janeiro na região Sul, e nós estamos com um bom índice de mitigação de seguro agrícola nessa região, não temos sobressaltos; e poderá atrasar um pouco o plantio no Centro-Oeste.

Então, o cenário deste ano é um cenário de neutro para melhor, e a tendência é de incremento na qualidade da carteira de crédito rural do Banco do Brasil. Lembrando que é uma carteira bastante madura, nós estamos com uma participação muito forte no mercado; a ênfase que o Banco tem é no crescimento da qualidade da carteira. O crescimento se dá mais de uma forma vegetativa, até porque o Brasil não vem aumentando a área de produção, ele tem aumentado a produtividade. Era isso. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação à questão da Previ, Marcelo, você tem que considerar a recorrência total. Hoje, os dispositivos legais que temos no País já são suficientes para gerar essa contabilização de forma recorrente, e o valor está diretamente ligado no mínimo à taxa atuarial aplicada sobre os passivos do plano 1 e o valor justo dos ativos que cobre este plano.

Em função disso, então, se faz uma contabilização aplicando essa taxa atuarial, claro, observando a norma da CVM que obriga a passar um colchão de no mínimo 10% sobre o valor justo dos ativos do plano, ou valor presente das obrigações, o que for maior.

Então, você deve esperar, sim, uma recorrência nesse reconhecimento. O volume neste ano é maior em função de o superávit ser maior, e ao aplicar a taxa atuarial você tem um reconhecimento maior. Mas o Banco do Brasil decidiu, a cada semestre,



contratar uma análise atuarial para você fazer, então, um ajuste desse superávit de acordo com a norma da CVM.

A norma da CVM determina que esse ajuste seja feito ao final de cada ano, no mínimo. Então, o Banco do Brasil está adotando fazer duas vezes, ou seja, a cada semestre. Então, provavelmente em junho, para ajustar a questão do *gap*.

E por último, em relação às despesas de provisão, eu não sei se o Walter gostaria de falar alguma coisa, mas, sem dúvida alguma, esse é um ponto que nós já tínhamos antecipado, que foi uma postura bastante conservadora que o Banco adotou ao colocar essa estimativa, e a tendência é declinante. Mas por enquanto nós ainda não vamos rever este *guidance*. Vamos aguardar para fazer uma análise mais pormenorizada quando formos divulgar o 2T.

Walter, você quer falar um pouco sobre...

**Walter Malieni Júnior:**

Eu gostaria, sim, Geovanne. Obrigado pela oportunidade. De fato, ela é declinante quando olhamos, na realidade, a variação do nosso risco médio nos dois mercados, pessoa física e jurídica. Como o risco médio está fechando trimestre a trimestre, ele está diminuindo as duas carteiras, a tendência é que o índice de provisão naturalmente acabe sendo também reduzido, indo mais para o piso do *guidance*. Então, a tendência é essa.

Nós vimos atuando de maneira mais forte, inclusive, na gestão de recuperação de perda e crédito, inadimplência, de forma a reverter essa *[inaudível]* um pouco maior. Então, a tendência é que essa reversão, juntamente com a melhor qualificação do processo de novos negócios, permita a redução dos índices de provisão.

E também não podemos deixar de lembrar que a posição de março de 2010 de certa forma traz consigo ainda um pouco do estoque de dívidas contraídas durante a crise, que tinham um risco médio maior.

Então, a tendência é que essas dívidas vão sendo recuperadas, ou vão sendo trocadas por riscos melhores, e a tendência é que a velocidade do risco médio seja até mais intensa, o que, na realidade, gera um impacto positivo sobre a redução no índice de provisão.

**Marcelo Telles:**

Perfeito. Muito obrigado pelas respostas.

**Fábio Zagatti, Barclays:**

Bom dia a todos. Na verdade, eu queria fazer um *follow-up* na pergunta do Telles. De repente, se vocês pudessem dar um pouco mais de detalhamento do que aconteceu na carteira SME no 1T, porque os dados do BC já estão mostrando que os bancos privados, principalmente os domésticos, estão correndo na frente dos bancos públicos, e a evolução *quarter on quarter* desse produto SME nos bancos privados foi bem mais forte do que no Banco do Brasil.



Eu queria entender exatamente o que aconteceu na evolução da carteira. Eu entendo que tenha um pouco dessa questão de uma base menor para os outros bancos, mas tem algo a mais que deveríamos prestar atenção?

E ainda no tema do provisionamento, se vocês pudessem dizer se vocês continuarão usando o *excess provisions* ao longo de 2010, e até que ponto vocês imaginam manter com esse número, que acho que fechou no 1T por volta de R\$2,7 bilhões. Depois eu teria mais uma pergunta. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação à micro e pequenas empresas, sem dúvida alguma é ênfase do Banco, e o Pepe, da área de micro e pequenas empresas pode falar um pouco para vocês, mas antes só vou lembrar uma coisa: tanto no 4T09 como agora, também, no 1T nós tivemos um volume de baixa para perda que uma parte veio também desta carteira.

Então, embora os desembolsos tenham sido em linha com a indústria, você não vê no saldo um crescimento em função dessa baixa para perda. Então, é mais uma questão contábil.

Agora eu gostaria de pedir para o Pepe falar um pouco sobre a estratégia que o Banco está adotando para crescer e competir nesse segmento. Por favor, Pepe.

**Pepe:**

Bom dia a todos. Vou só passar um pouco sobre a estratégia do Banco em micro e pequena empresa para vocês. É bom reforçarmos que o Banco exerce uma liderança nesse segmento, e esse segmento é muito importante para o Banco do Brasil.

Recentemente temos lançado algumas linhas de crédito voltadas para o segmento, uma delas foi o BB Giro Recebíveis, que tem aumentado os desembolsos; e os desembolsos gerais para esse segmento agora, já no período de abril e entrando em maio, apontam para um resultado bem melhor em relação a crescimento da carteira para esse segmento.

Vale ressaltar também que a comparação com os demais bancos não é exatamente perfeita, porque os pontos de cortes dos outros bancos são diferentes em relação a faturamento bruto anual dessas empresas.

**Fábio Zagatti:**

Perfeito. E sobre a questão do provisionamento?

**Banco do Brasil:**

Em relação ao provisionamento, é importante lembrar que existe aquela norma do Banco Central de que a partir de abril não se poderá mais se contabilizar esse excesso de provisão para efeito de Basileia, mas o Banco tem por conservadorismo sempre mantido um volume de excesso de provisão sobre a carteira.

Eu não sei se o Renê, nosso Diretor de Risco, gostaria de acrescentar alguma coisa, ou o Walter. Por favor, sintam-se à vontade.





**Renê Sanda:**

Não se vislumbra nenhuma alteração na política atual com relação às provisões excedentes. Walter, você quer complementar?

**Walter Malieni Júnior:**

Eu só queria ratificar o que você comentou, não há nenhuma possibilidade de alteração no curto prazo. Esse é um modelo relativamente novo, começamos a aplicá-lo, se eu não me engano, no final de 2008, a data base dele, e entendemos que é um modelo que ainda está no processo de estabilização.

Nós fizemos isso não foi para alavancar capital, mas sim para preservar capital econômico caso acontecesse alguma alteração do ponto de vista macroeconômico ou também em carteiras em que você tem riscos um pouco mais exógenos, como é o caso da carteira de crédito rural. Então, a princípio não há qualquer intenção do Banco de fazer alteração ou reverter provisão excedente.

**Fabio Zagatti:**

Perfeito. E a minha segunda pergunta é no tema da internacionalização. Eu queria entender um pouco melhor qual é a estratégia do Banco do Brasil, porque eu tenho notado diversas menções, principalmente ao mercado norte americano. Mas por outro lado, eu entendo que existem inúmeras oportunidades para o Banco do Brasil aqui no Brasil, e que eventualmente seriam até mais *accretive* em termos de ROE. Será que vocês poderiam dar um pouco mais de detalhamento do que vocês estão enxergando nos Estados Unidos que faz vocês terem um foco tão grande neste momento?

**Ivan de Souza Monteiro:**

Fabio, na verdade, tem 1,4 milhão de brasileiros lá. E há uma forte correlação entre esse brasileiro e ser cliente do Banco do Brasil no Brasil. Na verdade, o foco está sendo, em qualquer ponto do planeta, uma proximidade com as empresas e com os brasileiros, com as pessoas físicas.

Vou falar especificamente da Argentina. Há uma forte presença de empresas brasileiras lá. E se antigamente a sua relação com seu cliente, 100% do faturamento dele vinha do Brasil e a sua presença física no Brasil cobria esse 100% de faturamento, isso não é mais verdade para JBS, isso não é mais verdade para Vale do Rio Doce, isso não é mais verdade para a Petrobras; na verdade, tem uma série de empresas, a AB Inbev etc.

Então, ao não acompanhar esse movimento de internacionalização, você está trazendo um enfraquecimento da sua posição no Brasil. E você passa a não ter, ou não enxergar, ou não ter a oportunidade de oferecer produtos e serviço, por exemplo, de *cash management* globais.

Por quê? Porque grande parte, ou uma parcela expressiva do faturamento não é mais originado no Brasil. Daí porque quando você observa, por exemplo, os números que viemos apresentando no financiamento ao comércio exterior, seja na parte de exportação, seja na parte de importação, um dado que teremos que começar a agregar a isso são as operações de *working capital* nas moedas locais onde essas empresas estão atuando agora. Então, a necessidade dela passa a não ser



simplesmente financiar uma exportação, financiar uma importação, porque ela passa a produzir em outro país e passa a ter necessidade de capital de giro em outro país.

Eu diria que nós estamos muito bem aderentes à estratégia do Banco, que é acompanhar o movimento das empresas e dos brasileiros, à semelhança do sucesso que temos com a nossa operação no Japão, à semelhança do que nós temos em relação a Portugal, em uma operação do varejo também; e o maior mercado, a maior concentração de brasileiros é nos Estados Unidos. Então, é natural que tenhamos o desejo e interesse de atuar lá.

Mas isso feito com muita parcimônia. Na verdade, o recebimento desse status de *financial holding company*, que na verdade é um reconhecimento ao País, ao regulador e ao próprio Banco, não é simplesmente um selo que nos dá mais liberdade de atuação. Ele é, sim, também uma certificação da qualidade da gestão do Banco. Então, o foco Estados Unidos é pelo tamanho, tem muito mais brasileiro lá do que em qualquer outro lugar do planeta.

**Fabio Zagatti:**

Entendi, Ivan. Obrigado.

**Mariana Barros, JPMorgan:**

Bom dia a todos. A minha pergunta é em relação ao *guidance* de crescimento da carteira agro; observamos o crescimento de 0,9% no trimestre e parte deve-se a efeito sazonais que já foram mencionados, eu só gostaria de saber se mantém-se o *guidance* de 4% a 9% para o ano.

E a minha segunda pergunta é em relação a essa redução de quase R\$160 milhões que teve na despesa de provisão adicional em função da Nossa Caixa. Eu só queria entender um pouco mais se esse movimento continua para frente e se realmente, na verdade você estaria criando uma despesa de provisão e em contra partida diminuindo a sua provisão adicional, só para entender um pouco melhor. Obrigada.

**Ivan de Souza Monteiro:**

Mariana, obrigado. Eu gostaria que o Diretor José Carlos Vaz respondesse com relação à parte de crédito agrícola, e o Diretor Walter Malieni Júnior com relação à questão da provisão da Nossa Caixa.

**José Carlos Vaz:**

Sobre a carteira de agronegócios, nós mantemos o *guidance*, mas com um viés para a esquerda, ou seja, menor; entre 4% e 9%, mas com um viés de ir mais para um crescimento menor. Isso porque os recebimentos estão muito fortes, então estamos reduzindo bastante, é uma carteira de curto prazo, os custos de produção são menores do que em períodos anteriores, e o custeio não sobe, porque você está financiando mais área, mas a um valor menor. Então, é crescimento dentro da faixa, mas com tendência de ficar no primeiro terço dela.

**Mariana Barros:**

OK. Perfeito.



**Walter Malieni Júnior:**

Mariana, bom dia. Você poderia repetir a pergunta, por favor? Eu perdi o final dela.

**Mariana Barros:**

Na verdade, vocês mencionaram aqui na página 18 da análise de desempenho que essa redução de R\$158 milhões na provisão não foi na verdade uma reversão. Na verdade, à medida que a carteira da Nossa Caixa vai migrando para a carteira do BB, você vão contabilizando provisão requerida e em contrapartida revertendo a provisão adicional. Eu queria saber se é isso mesmo e se para frente esse movimento continuou, se foi um efeito só agora no 1T10.

**Walter Malieni Júnior:**

O movimento de incorporação dos ativos aos ativos do Banco Nossa Caixa continuam. Antes a incorporação era patrimonial, agora de fato nós estamos pegando a carteira de crédito da Nossa Caixa e trazendo para dentro do Banco do Brasil, inclusive com a nossa metodologia.

Essa reversão é fruto, na realidade, de que quando trouxemos essa carteira agora, isso foi no 1T, para os números do Banco, ela veio com risco um pouco maior do que inicialmente previsto, e quando isso acontece revertermos a adicional.

**Mariana Barros:**

OK.

**Walter Malieni Júnior:**

Eu tinha uma adicional feita para equiparar o modelo de provisão deles com o nosso, já preparando para esse segundo passo, que era a incorporação efetiva da carteira. Quando isso aconteceu, quando o risco chegou para nós, já chegou com um risco um pouco maior. Quando isso acontece, acabamos revertendo o excedente, porque a regulamentar já me permite manter a provisão em um status, em um nível adequado.

**Mariana Barros:**

Mas isso é porque você constituiu uma provisão maior, é isso?

**Walter Malieni Júnior:**

Lá atrás, sim. Você tem um processo de conhecimento daquela carteira e de ajustes de metodologias, do ponto de vista da carteira adicional. Além disso, você tem clientes em comum, e em algum momento você tem níveis de risco distintos entre alguns clientes do Banco e lá, então você faz esse nivelamento. Foi esse nivelamento que trouxe esse aumento da provisão excedente no que se refere à do BCN que agora começa a ser revertida.

**Mariana Barros:**

OK. E esse movimento deve ser observado até o final deste ano? Como é que fica?



**Walter Malieni Júnior:**

Pela incorporação das carteiras, sim. Quanto à oscilação da excedente, vai depender muito do comportamento da carteira que ainda é remanescente lá.

**Mariana Barros:**

Está bem. Perfeito. Obrigada.

**Operadora:**

Obrigada. Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Ivan Monteiro para as suas últimas considerações.

**Ivan de Souza Monteiro:**

Eu agradeço a presença de todos e lembro que havendo a necessidade de mais informações sobre a nossa instituição, por favor, contate a nossa equipe de RI ou visite o nosso *website*. A todos um bom fim de semana, muito obrigado e até a próxima oportunidade.

**Operadora:**

O *conference call* do Banco do Brasil está encerrado. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."